

# ***Sine ira et Studio: retórica, tempo e verdade na historiografia de Tácito***<sup>1</sup>

*Sine ira et studio: rethoric, time and truth in Tacitus' historiography*

---

**Flávia Florentino Varella**

Mestranda em História Social

Universidade de São Paulo

flavia\_varella@hotmail.com

Rua do Seminário, s/n - Centro

Mariana - MG

35420-0000

---

## Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar a importância do conjunto de regras retóricas para a produção historiográfica romana. Para tanto, analisamos a incorporação da memória como disposição do orador realizada no tratado **Retórica a Herênio**, assim como a obra mais importante do historiador Tácito, os **Anais**. Nosso objetivo é discutir a adequação da história aos preceitos retóricos da época imperial, bem como o diagnóstico contemporâneo da decadência moral. Propomos que um dos grandes desafios impostos a Tácito foi o de ter que escrever uma história imparcial e, por isso, verdadeira, utilizando-se de escritos corrompidos pela adulação e pelo medo.

## Palavras-chave

Historiografia romana; Retórica; Decadência.

## Abstract

This paper aims to present the importance of a set of rhetorical rules to the production of Roman historiography. Therefore, it is analyzed the incorporation of memory as an orator disposition in the **Rhetoric to Herennius** treatise, as well as the most important work of the Roman historian Tacitus, **The Annals**. Our purpose is to debate both the adequacy of history to rhetorical precepts of the Imperial epoch and the historiographical consequences of the contemporary diagnosis of the moral decadence of Roman society. It is argued that one of the greatest challenges imposed to Tacitus was the project of writing an impartial and true history using testimonial texts corrupted by fear and adulation.

## Keyword

Roman historiography; Rhetoric; Decadence.

---

Enviado em: 18/06/2008

Aprovado em: 12/07/2008

---

<sup>1</sup> Este artigo teve origem na monografia que defendi no departamento de história da Universidade Federal de Ouro Preto, sendo resultado de uma bolsa de iniciação científica concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Fábio Faversani.

“Não é meu intento referir senão as opiniões que se fizeram mais notáveis ou pela sua decência ou pela sua insigne baixaza: porque creio ser o principal objeto dos anais por em evidência as grandes virtudes, assim como revelar todos os discursos e ações vergonhosas, para que, ao menos, o receio da posteridade acautele os outros em caírem nas mesmas infâmias”.

TÁCITO. **Anais**, III, 65.

A principal concepção norteadora da historiografia romana foi a *historia magistra vitae* que, tendo como base fundamental o exemplo – válido para qualquer tempo e lugar –, objetivava produzir ensinamento através dos feitos e homens ilustres do passado. Por meio da exposição dos grandes exemplos históricos, esperava-se incentivar a imitação e repetição das ações. Na **História de Roma**, Tito Lívio aconselha que “o que principalmente há de são e fecundo no conhecimento dos fatos é que consideres todos os modelos exemplares, depositados num monumento, em plena luz: daí colhes para ti e para o teu estado o que imitar; daí evitas o que é infame em sua concepção e em sua realização” (TITO LIVIO 2001, p. 207). Enquanto monumento, o livro de história mostra, na luz da verdade, como os fatos aconteceram e se devem ou não ser seguidos.

72

A proposta inicial deste artigo é identificar situações nas quais o conhecimento dos preceitos retóricos eram indispensáveis ao escritor de história romano e, em que medida, podemos verificar a aplicação da retórica ao trabalho historiográfico. Para tanto, destacaremos alguns elementos retóricos que consideramos importantes e como esses são inseridos na historiografia, mais precisamente, na principal obra histórica de Tácito, os **Anais**. Paralelamente, buscamos apresentar questões que se mostraram fundamentais para o entendimento da historiografia taciteana. A decadência dos costumes e da própria eloquência, assim como o esclarecimento do conceito de verdade histórica são chaves importantes desta análise. A percepção de viver em uma época diferente da republicana levou Tácito a formular um novo modelo historiográfico - fundado na retórica romana - para demonstrar os vícios da sociedade imperial. A decadência aparece como conceito revelador desse novo tempo na medida em que serve como divisor entre o tempo antigo e o “moderno”.

### 1. DA DECADÊNCIA DOS COSTUMES A UMA HISTÓRIA JULGADORA

Além de definir o conceito de história, o célebre orador Marco Túlio Cícero também enumerou suas leis:

For who does not know history's first law to be that an author must not dare to tell anything but the truth? And its second that he must make bold to tell the whole truth? That there must be no suggestion of partiality anywhere in his writings? Nor of malice? (CÍCERO 2001a, II, 62).<sup>2</sup>

O historiador deveria convencer seus leitores de que a verdade era seu único propósito, observando a parcialidade e o não envolvimento com os fatos descritos. Cícero, em outra obra, pedindo a um amigo que escrevesse a história da conjuração contra Catilina, na qual esteve diretamente envolvido, sugere que ele faça “brilhar os fatos com mais ardor do que talvez sintas, negligenciando as leis da história” (CÍCERO 2001b, p. 155). Por um lado, Cícero tinha clara a percepção de que uma história parcial é necessariamente mentirosa; por outro, via no relato histórico a possibilidade de engrandecimento de sua atuação política, o que exigia certo embelezamento das ações realizadas.

O próprio Cícero expõe como seu amigo poderia escrever a história de forma a melhor engrandecer sua glória:

[...] com efeito, do começo da conjuração até nosso retorno, parece-me que se pode compor uma obra de porte médio, e que poderás aplicar tua famosa **ciência das perturbações internas**, na explicação das causas da revolução ou das soluções para os prejuízos, tanto criticando o que julgas censurável, quanto aprovando, com a exposição das justificativas, o que te agrada - quanto ainda, se julgas dever agir o mais livremente, como costumás, **sublinhando a perfídia, as ciladas, a traição** de muitos contra nós. (CÍCERO 2001b, p. 155-7, grifo nosso).

Pelo menos desde a República, a “ciência das perturbações internas” e as “perfídias e ciladas” faziam parte do gosto dos ouvintes quando se tratava de historiografia. Tácito foi, sem sombra de dúvidas, o historiador mais bem sucedido nesta arte.

A escrita da história em Roma buscava ser veículo de exposição da ação política e, talvez por isso, a imparcialidade fosse um tema tão importante para os romanos, já que uma história parcial, além de mostrar exemplos indignos de imitação, promovia cidadãos corrompidos. Acrescenta-se a isso o problema da adulação, surgido no Império, que transforma o vício em virtude, gerando a inversão das máximas morais.

O diagnóstico da decadência dos costumes e da eloquência na sociedade romana foi uma temática recorrente no *corpus* taciteano. Em seu livro **Diálogo dos Oradores**, Tácito aponta a mudança no espaço de atuação política como um dos motivos para a decadência da eloquência em Roma. Na República, o principal local de interferência e debate político era o Fórum, onde os oradores tinham a oportunidade de mostrar a sua habilidade na eloquência defendendo ou acusando em uma causa. A nova organização social do Império rearranjou o espaço de atuação política e o Fórum perdeu parte de sua relevância.<sup>3</sup> No

<sup>2</sup> Quem desconhece que a primeira lei da história é que o autor não deve ousar dizer nada além da verdade? E que a sua segunda lei é que ele deve esforçar-se para dizer toda a verdade? Que não deve haver qualquer sugestão de parcialidade em qualquer parte de seu texto? Nem de malícia? (Tradução da autora)

<sup>3</sup> Para uma exposição detalhada da mudança na esfera política ocorrida no Império e suas conseqüências imediatas, vide: Andrew WALLACE-HADRILL. “The Imperial Court”. Op cit.

**Diálogo**, o orador Materno, tratando desse assunto, se pergunta: “para quê muitos discursos perante o povo, quando não são os incompetentes e o maior número quem delibera, mas sim um só, e o mais sábio?” (TÁCITO 1974a, 41). Tendo o espaço de articulação política, em grande medida, transposto do Fórum para a *domus*, o Príncipe tornou-se a figura com importância política decisiva e sua casa, a *domus Caesaris*, o espaço que concentrava maior possibilidade de distribuição de benefícios.<sup>4</sup> Deve-se levar em conta também que as perturbações que emergiam no regime republicano alimentavam a eloquência na medida em que havia muitos casos a serem julgados. Materno argumenta que:

[...] há, efetivamente, uma larga diferença entre se ter de falar de furtos, de fórmulas ou de interditos, ou da propaganda nos comícios, da pilhagem dos aliados, do morticínio de cidadãos. Se é certo que é melhor que estes males não aconteçam e que deve ser considerado como o mais perfeito regime da Cidade aquele em que não soframos tais coisas, é igualmente verdade que, ao sucederem, subministram à eloquência grandes assuntos. Cresce, efetivamente, com a amplitude dos acontecimentos a força do engenho e não pode pronunciar um brilhante e notável discurso quem não tenha encontrado causa adequada (TÁCITO 1974a, 41).

74

Todos desejavam um governo estável, mas quando isso acontecia a eloquência entrava em processo de declínio, tendo em vista a falta de “causas adequadas”, produzidas pelas guerras civis e por uma vida instável carregada de constantes mudanças e revezes. A ausência de grandes perturbações externas no regime imperial fez com que a eloquência perde-se destaque, já que na estabilidade política naturalmente são menos frequentes as empresas bélicas.

No **Diálogo**, outro fator apontado como causa da decadência da eloquência foi a mudança na educação dos jovens romanos apresentada pelo personagem Messala. Nos tempos antigos os jovens eram criados pela senhora mais digna da família, contudo, em seu tempo eram deixados aos cuidados das criadas e dos escravos (TÁCITO 1974a, 29). Acrescenta-se a isso o infrutífero ensinamento da retórica. Antes os alunos aprendiam acompanhando o principal orador para todos os lugares, enquanto naquele tempo eram instruídos pelos retores, deixando de lado o ensinamento adquirido com a experiência prática verdadeira do Fórum, para aprender a simples declamação de discursos suasórios e controversos. Cícero teria sido um magnífico orador porque:

[...] não lhe faltou conhecimento da geometria, nem da música, nem da gramática, nem, finalmente, de qualquer das artes liberais. Aprendera as sutilezas da dialética, a utilidade da moral, os movimentos da natureza e suas causas. E é,

---

<sup>4</sup> Sobre as novas formas de interação social emergidas na sociedade imperial romana, principalmente no que se refere às relações sociais interpessoais, vide: Fábio FAVERSANI. **A sociedade em Sêneca**. Tese de doutorado defendida no programa de História Social da Universidade de São Paulo, 2001.

excelentes amigos, é dessa enorme erudição, é desses numerosos conhecimentos, é dessa sabedoria de todas as coisas que emana e flui aquela sua admirável eloquência; o vigor e a capacidade da eloquência não se encerram, como outras coisas, em estreitos e breves limites, mas **é orador aquele que pode falar de qualquer tema com pulcritude, com elegância, de forma persuasiva e segundo a dignidade do assunto, a oportunidade da intervenção e o gosto dos ouvintes** (TÁCITO 1974a, 30, grifo nosso).

A erudição é apresentada como condição fundamental para um discurso eficiente e bem articulado. O bom orador deve “conhecer a natureza humana, o vigor das virtudes, a depravação dos vícios e o entender daquelas coisas que se não podem enumerar entre as virtudes e os vícios” (TÁCITO 1974a, 31). Todos esses conhecimentos, conforme o gosto da época, foram empregados por Tácito na composição de suas histórias. As explicações dos personagens Materno e Messala, em relação à decadência da eloquência, apresentam um viés explicativo tipicamente taciteano. Tanto a decadência dos costumes, quanto a mudança na organização política são peças fundamentais para explicar os governos dos imperadores descritos nos **Anais**. O mau governante é, ao mesmo tempo, fruto da sociedade em que vive e produtor de vícios, gerando, assim, o paradoxo relatado na **Vida de Agrícola**. Depois de longo período de administrações conturbadas, Nerva torna-se Príncipe, restabelecendo a liberdade, porém:

75

[...] pela natural debilidade humana, mais tardos são remédios do que males; assim, pois, como nossos corpos crescem com lentidão e rápidos se extinguem, **assim também mais facilmente se oprimem do que se restabelecem o talento e o estudo**; efetivamente, do próprio estar inerte vem agrado e à inação, odiada primeiro, depois se quer. (TÁCITO 1974b, 3, grifo nosso)

Um bom governante não é suficiente para produzir uma sociedade melhor, pois a passagem do vício para a virtude é um processo lento que envolve a mudança nos próprios costumes. Dessa forma, o mau governante não compromete apenas a estrutura econômica e política do Império, mas o próprio caráter dos cidadãos. Tibério, Caio, Cláudio e Nero não foram apenas governantes impróprios do ponto de vista administrativo, pois, com seus exemplos, alastraram o vício e a servidão por toda a sociedade. O bom governante é aquele que consegue ser virtuoso e incentivar os cidadãos a seguir seu exemplo. Definir um modelo de bom ou mau governante taciteano é uma tarefa difícil tendo em vista que cada um dos Júlio-Claúdios, por exemplo, foram condenados em aspectos diferentes. Contudo,

**[...] a paixão do poder, essa antiga paixão inerente ao coração do homem, cresceu e rebentou ao mesmo tempo que a grandeza do império.** Nos começos de Roma, a igualdade era fácil de conservar, porem, quando o mundo inteiro foi submetido e os nossos rivais, povos e reis, abatidos, pôde-se ambicionar em toda liberdade as grandezas já então asseguradas. Eram, ora tribunos facciosos, ora cônsules opressores e, na cidade e no Fórum, tentativas de guerra civil. Em breve, Mario, o mais obscuro dos plebeus, e Sila, o mais cruel dos nobres, estabeleceram **a dominação de um só sobre as ruínas da liberdade**, vencida por suas armas. Em seguida, veio Pompeu, mais dissimulado e igualmente perverso, e desde então não se combateu mais a não ser pela conquista do poder supremo. (TÁCITO 1937, II, 32, grifo nosso).

O governo corrompido estaria na origem do próprio Império Romano, que com sua grandeza despertou a ambição dos cidadãos. Com isso, o que existia em Roma era um mal de origem e não um simples problema que poderia ser resolvido tendo um governante que se guiasse pelos princípios morais corretos.

O debate acerca da decadência da oratória, no **Diálogo dos Oradores**, é ampliado com a discussão entre Materno e Apro sobre a utilidade da poesia. Apro alega que esse gênero de escrita oferece ao orador glória inane e infrutífera (TÁCITO 1974a, 9). A essa proposição Materno responde que:

76

[...] comecei a me tornar famoso com a leitura de tragédias, porque foi com *Nero* que destruí o vergonhoso poder de Vatínio, que julgava o que há de mais sagrado nos estudos; hoje, se tenho alguma fama e algum nome, creio que mais vieram dos versos que dos discursos (TÁCITO 1974a, 11).

Materno alega ainda que não só obteve glória, como conseguiu, através de suas tragédias, derrotar um adversário político.

Frente ao declínio do discurso como horizonte da prática política, outras artes escritas tornaram-se importantes como veículo de intervenção pública. Como a historiografia em Roma era dedicada em especial aos negócios públicos e estava preocupada com a exortação moral, a possibilidade de intervenção na realidade através de sua escrita era grande. Por meio do relato dos maus imperadores, Tácito narra e traça um diagnóstico da sociedade romana, permitindo a história não só ensinar como mostrar o que deve ser seguido ou renegado.

## 2. OS USOS DA RETÓRICA NA ESCRITA DA HISTÓRIA

Na Antiguidade Clássica, Tucídides foi o grande defensor e modelo de uma história sem ornamentos.<sup>5</sup> Para ele, os poetas embelezariam os fatos para os

---

<sup>5</sup> Para sua infelicidade, foi correntemente lembrado na Antiguidade pela beleza da sua oratória..

tornarem maiores e os logógrafos<sup>6</sup> para os tornarem mais atraentes ao auditório, enquanto sua história só desejava mostrar a verdade dos fatos, o que excluía o uso da retórica (TUCÍDIDES 2001, p. 79). Essa possível contradição entre adorno poético e verdade nua não se manifestou nos autores romanos, como podemos verificar pela estreita relação que existia entre retórica e historiografia.

A retórica ganhou destaque em sua formulação positiva na cultura grega com a elaboração da **Retórica** por Aristóteles e foi entendida como a faculdade de observar em qualquer caso as formas possíveis de persuasão (ARISTOTLE 2004, I, 2, 1355b). Entre a retórica grega e a romana existem diversos aspectos semelhantes e outros que foram acrescentados de forma decisiva pelos romanos, como é o caso da memória. O primeiro manual de retórica a tratar da memória como faculdade do orador foi a **Retórica a Herênio**, escrita no século I a.C., e que durante muito tempo foi atribuída a Cícero por encontrar-se nos códices que continham sua obra, mas que atualmente é considerada de autoria desconhecida. Segundo este tratado, um orador deveria observar as cinco partes da retórica: invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. Sendo a **invenção** a busca e descobrimento dos argumentos adequados para provar uma tese;<sup>7</sup> a **disposição** a capacidade de arranjar adequadamente as evidências e provas ao longo do discurso; a **elocução** o momento que se confere uma forma lingüística às idéias; a **memória** “[...] a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição” e a **pronúncia** a arte de falar que é dividida em três estilos: grave, médio ou tênue ([CÍCERO] 2005, I, 3).

77

Na **Retórica a Herênio** a memória é dividida em natural e artificial. A primeira vem do nascimento, enquanto a artificial adquire-se com o exercício retórico e ramifica-se em lugar e imagem, sendo o primeiro ligado à dimensão espacial e o segundo, à forma ([CÍCERO] 2005, III, 29). Assim, a partir da lembrança da imagem, seguir-se-ia para a dos lugares, por isso, é necessário dispor tanto as imagens quando os lugares em ordem ([CÍCERO] 2005, III, 31). No referido tratado, um caso de envenenamento é citado como exemplo da mnemotécnica:

Se quisermos lembrar disso prontamente, para fazer a defesa com desenvoltura, colocaremos, no primeiro lugar, uma imagem referente ao caso inteiro: mostraremos a própria vítima, agonizante, deitada no leito. Isso se soubermos quais são suas feições; se não a conhecemos, tomaremos um outro como doente, mas não de posição inferior, para que possa vir à memória prontamente. E colocaremos o réu junto ao leito, segurando um copo com a mão direita, tábuas de cera com a esquerda e testículos de carneiro com o dedo anular. Assim conseguiremos

<sup>6</sup> Nessa passagem logógrafos são os cronistas e memorialistas, anteriores a Tucídides, que escreviam genealogias das grandes famílias míticas seguindo o estilo épico. Também são considerados logógrafos escritores profissionais de discurso forense.

<sup>7</sup> Na **Retórica a Herênio** é apontada como a parte mais difícil do discurso.

lembrar das testemunhas, da herança e da morte por envenenamento ([CÍCERO] 2005, III, 33).

Com a disposição apresentada, seria possível tanto ao orador quanto ao ouvinte reconstituírem facilmente o caso, sendo a descrição e os elementos-chaves da cena fundamentais para a memorização e a vívida apreensão da imagem. Esperava-se que o orador/historiador montasse seu relato, ao invés de apenas rememorar coisas acontecidas. Quanto mais perfeita fosse a imagem, mais facilmente atingiria o efeito desejado – a perpetuidade da lembrança – e maior seria sua glória.

Outro ponto importante para a fixação dos acontecimentos na memória é a intensidade da imagem. Se esta for forte e incisiva será mais fácil de ser lembrada do que ser for fraca e obtusa:

**As coisas pequenas, mezinhas, corriqueiras, que vemos na vida, não costumamos guardar na memória, porque nada de novo ou admirável toca o ânimo. Mas, se vemos ou ouvimos algo particularmente torpe, desonesto, extraordinário, grandioso, inacreditável ou ridículo, costumamos lembrar por muito tempo.** É assim que esquecemos a maioria das coisas que vemos ou escutamos a nossa volta, mas quase sempre nos lembramos muito bem de acontecimentos da infância. **Isso não pode ter outra causa senão que as coisas usuais facilmente escapam à memória, as inusitadas e insígnies permanecem por mais tempo** ([CÍCERO] 2005, III, 5, grifo nosso).

78

O enredo dos **Anais**, particularmente, segue essa máxima retórica em relação à intensidade da imagem na medida em que é a descrição de um Império fundado na adulação e no medo, com governantes viciosos e excessos nunca antes vistos. Quanto mais forte a imagem, quanto mais “torpe, desonesto, extraordinário, grandioso, inacreditável ou ridículo, costumamos lembrar por muito tempo”. A inserção da memória como faculdade do orador indica tanto um novo gosto pelas descrições que privilegiavam o estilo grandiloquente – predileção já demonstrada por Cícero –, quanto a adoção de uma narrativa que buscava por meio da descrição das paixões humanas e das informações mais surpreendentes, seja pela sua baixeza ou pela sua incomensurabilidade, provar ou refutar um caso.

Essa mudança de estilo aliada às transformações ocorridas na esfera política – a centralidade do Príncipe e da casa imperial como elementos de explicação dos rumos do Império – afetaram decisivamente a escrita da história.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Arnaldo Momigliano delinea duas tradições historiográficas opostas nascidas na Grécia antiga e que se mantiveram até a modernidade. Sua hipótese é que a maior parte da historiografia Ocidental organizou-se a partir da ruptura dada na Antiguidade Clássica entre uma historiografia baseada no modelo de Heródoto e outra na de Tucídides. Com isso, teríamos uma grande continuidade de questionamentos impostos pela historiografia desde sua “fundação”. A tradição advinda de Heródoto



Respondendo diretamente a essas mudanças, Tácito escreve:

[...] sei muito bem que muitos dos fatos que tenho referido, e que ainda espero referir, hão de parecer talvez a certa gente coisa de pouca importância, e como tais indignas de memória; porém não se devem comparar os meus Anais com as histórias antigas do povo romano. (TÁCITO 1952, IV, 32)

Tácito tinha consciência de que produzia outro tipo de historiografia, com enfoque e composição diferentes dos historiadores latinos que o antecederam.<sup>9</sup> Enquanto Lívio escreveu uma história monumental do povo romano que remontava as origens míticas e tratava de importantes campanhas bélicas, Tácito estava fadado a escrever sobre um Império pacífico que tinha como esfera principal do jogo político a *domus Caesaris*. Tácito não tratará de grandes guerras, mas de grandes escândalos e imoralidades, de tal forma que no final do livro seu leitor estará apto a reconstruir de memória as imagens que criou e pelas quais imaginava, entre outras coisas, punir e inibir novos vícios pelo medo do juízo da posteridade. Sua predileção pelo estilo retórico asiático, exuberante e grandiloqüente, na composição de seus personagens e tramas tornou-se parte constituinte de sua narrativa (PARATORE 1983, p. 724).

É importante ressaltar que Tácito tinha como referência para a escrita da história o ornamento de sentença retórico denominado *exemplum*, ou seja, a utilização de eventos e personagens do passado para melhor demonstrar uma situação, tendo como objetivo principal **colocar diante dos olhos** o acontecido ([CÍCERO] 2005, IV, 60-2). "Além disso, os exemplos ocupam o lugar de testemunhos. Aquilo que o preceito recomendou e o fez levemente é comprovado pelo exemplo, como se fosse um testemunho" ([CÍCERO] 2005, IV, 2). Primeiro escolhia-se a ação mais exemplar sobre um caso que se desejasse

79

---

seria marcadamente composta pelo antiquariato e pela erudição. Neste tipo de história estariam inseridos acontecimentos diversos, sem nenhuma restrição do que deveria ou não ser escrito e tendo como fonte historiográfica principal a experiência em viagens. Por outro lado, na história de tipo tucídideana as ações políticas e militares prevaleceriam no relato e o interesse difuso estaria excluído, formando, assim, uma dignidade para história fundamentada na narração destes eventos. Possuindo um entendimento da historiografia como um campo autônomo que, desde o princípio, desenvolveu-se com questões próprias e valorizando sempre o método crítico como legitimador da verdade, Momigliano produz certas anacronias em sua análise. Assim, sua proposta analítica correntemente exclui o contexto de produção de cada obra historiográfica ao focar demasiadamente as heranças que passariam de um historiador a outro até a época moderna. Para o autor, **A História da Guerra do Peloponeso** teve mais crédito na Antiguidade porque não se desconfiou teoricamente do método de Tucídides, coisa que ocorreu com Heródoto. No decorrer da pesquisa percebemos que a realidade epistemológica da Antiguidade Clássica é radicalmente distinta da moderna e, freqüentemente, seus parâmetros historiográficos são outros. O grande problema da análise de Momigliano para o entendimento da historiografia romana é que interpretação da historiografia como um grande bloco que tem como explicação a continuidade. Nossa proposta, por outro lado, é analisar a historiografia produzida por Tácito como inovadora em diversos sentidos, sem negar, contudo, que existia uma forma historiográfica mais ou menos consolidada na época da escrita de sua história. Cf. Arnaldo MOMIGLIANO. "A tradição herodoteana e tucídideana". In: \_\_\_\_. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 53-83.

<sup>9</sup> Judith Ginsburg demonstrou como a estrutura analítica seguida na república com sua ordem cronológica e anunciação dos consulares, apesar de parecer central na narrativa taciteana, não passa de elemento formal. Cf. Judith GINSBURG. **Tradition and theme in the Annals of Tacitus**. Salem, N.H.: Ayer, 1981.

exibir ou de um juízo que se quisesse provar; depois selecionava-se os momentos que melhor demonstravam a hipótese para, por fim, realizar uma estrutura textual que favorecesse a memorização do conjunto. Tácito escolheu a dinastia Júlio-Cláudia por achar que seria o melhor exemplo da decadência dos costumes romanos, selecionou as ações de cada Principado de tal forma que demonstrassem essa contínua degradação da vida pública. Por último, montou seu livro de forma a permitir que seus leitores e/ou ouvintes pudessem lembrar mais facilmente dos eventos.

No paradigma historiográfico moderno a positividade das fontes escritas e sua menção no corpo da narrativa são tidas como peças fundamentais para provar a veracidade do que é relatado. Essa máxima, contudo, não fazia parte do conjunto de regras que Tácito deveria seguir e que compunham o modelo de escrita da história em Roma. Sem considerarmos as diferenças entre os conceitos de verdade histórica antigo e moderno é impossível compreendermos a historiografia taciteana. Apesar da historiografia romana inovar em relação à grega na larga utilização de fontes públicas documentais, não havia, obviamente, a concepção de uma história científica em Roma, o que não significa que ela ignorasse a busca da verdade, ou que a verdade não fosse uma de suas metas.<sup>10</sup> A historiografia taciteana tinha por objetivo demonstrar a verdade do diagnóstico da decadência dos costumes utilizando-se como veículo principal os exemplos extraídos da própria história do povo romano. Nesse sentido, não haveria a necessidade latente de testemunhos, tendo em vista que a demonstração histórica era o que estava fundamentalmente em jogo. Como dissemos acima, o exemplo na retórica romana serve para **demonstrar** uma tese ou juízo e o testemunho serve para **confirmar** que algo é como se disse. A historiografia, sem dúvida, era uma arte da demonstração ([CÍCERO] 2005, IV, 5).

80

O ornamento de sentença *demonstratio*, ou seja, a capacidade de exprimir “um acontecimento com palavras tais que as ações parecem estar transcorrendo e as coisas parecem estar diante dos olhos”, tem na *enargeia* seu equivalente grego ([CÍCERO] 2005, IV, 68). Carlo Ginzburg, em artigo sobre os elementos textuais que proporcionam ao leitor a percepção de que os fatos relatados em um texto histórico são verdadeiros, aponta a *enargeia* como um desses elementos garantidores do efeito de verdade histórica (GINZBURG 1989, p. 219-20). O conceito de verdade, assim como o de história e escrita da história, estavam intrinsecamente ligados à *demonstratio*, na medida em que era garantidora da posição de verdade do trabalho historiográfico.

Apostamos na hipótese de que o entendimento dos preceitos da retórica podem ser de grande utilidade para compreender a historiografia romana e,

---

<sup>10</sup> Uma exposição ampla sobre o problema da verdade como uma das condições fundadoras da historiografia foi feita por: Luiz Costa LIMA. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

conseqüentemente, a composição histórica taciteana.<sup>11</sup> Como a historiografia era um subgênero do discurso demonstrativo, era esperado do historiador a utilização dos elementos retóricos na composição de sua obra (AMBRÓSIO 2002, p. 29). A historiografia, assim como o discurso, era lida publicamente - meio pelo qual a difusão da obra encontrava maior amplitude. A retórica proporcionou que o objeto relatado fosse melhor apreendido e, por isso, melhor lembrado. Dessa forma, não podemos deixar de lado a assertiva ciceroniana de que a retórica e a história caminhavam juntas (CÍCERO 2004, 66 e PLÍNIO O JOVEM 2001, p. 169). Longe de querer levantar um debate em torno da leitura apressada sobre a retórica que desembocou na sua compreensão como o "falar bem sem conteúdo", gostaríamos de chamar a atenção para as funções cognitivas que a retórica desempenhava em Roma. A retórica era tida como o aparato técnico utilizado para promover na audiência a memória do acontecimento demonstrado. Como vimos anteriormente, a retórica não está presente na obra historiográfica taciteana apenas para atrair o público ou como reveladora de práticas sociais, ela faz parte da própria forma como se escreve a história, e é, de certa forma, o horizonte limitador do trabalho historiográfico na medida em que historiografia e retórica estão intrinsecamente ligadas.<sup>12</sup>

### 3. UM NOVO MODELO DE HISTORIOGRAFIA

A Antigüidade Clássica teve duas preocupações que a escrita da história contemplou: a preservação da memória e o ensinamento. Desde seu pai fundador o relato da história era feito "para que nem os acontecimentos provocados pelos homens, com o tempo, sejam apagados, nem as obras grandes e admiráveis, trazidas à luz [...] se tornem sem fama" (HERÓDOTO 2001, p. 43). A memorialística antiga tinha como preocupação corrente a exposição de uma história que, focando nas grandezas de um povo, mantivesse viva na memória os feitos gloriosos acontecidos. Apenas em Roma seria efetivamente consolidado o ensinamento das virtudes através das grandes figuras históricas tendo como objetivo a imitação das ações pretéritas. Até o século I ambas as perspectivas - a da memória e do ensinamento - tratavam a história sempre em seu lado positivo, buscando a repetição dos grandes exemplos

81

<sup>11</sup> Breno Sebastiani aponta que uma das conseqüências da historiografia ser um subgênero da retórica romana foi a transposição para segundo plano da necessidade do historiador possuir uma experiência direta do período relatado. "Nesse momento, a pesquisa empírica do passado tem seu campo de atuação ampliado: um indivíduo conhecedor das práticas retóricas pode escrever tanto sobre o presente vivenciado quanto sobre o passado cuja maior ou menor escassez de vestígios condicionava a maior ou menor veracidade do relato". Cf. Breno Battistini SEBASTIANI. "A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a.C.". Fábio JOLY (org.). **História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga**. São Paulo: Alameda, 2007, p. 81.

<sup>12</sup> Outra possibilidade de análise da retórica é realizada por Fábio JOLY. **Tácito e a Metáfora da Escravidão**. São Paulo: Edusp, 2004. Neste livro, sugere o abandono das análises estilísticas, que ressaltam apenas a função de entretenimento da retórica, e propõe uma sociologia da retórica. A metáfora da escravidão, enquanto figura de linguagem, não seria apenas um ornamento, mas reveladora de uma prática social, ou seja, a adesão dos cidadãos ao regime político vigente.

virtuosos e feitos gloriosos.

Toda a historiografia clássica anterior a Tácito utilizou desse modelo de entendimento baseado no reforço positivo da ação. Contudo, o historiador romano não conseguia mais perceber seu tempo como amplo produtor de virtudes e de ações edificantes, expandindo, assim, sua narrativa aos príncipes viciosos e à sociedade corrompida pelo luxo e pela adulação. Disso deriva que sua história é profundamente inovadora, na medida em que propõe, através da explanação das causas e conseqüências, **a recusa à imitação**. O princípio da história *magistra* permanece o mesmo, mudando apenas como o efeito desejado é alcançado. A respeito do Principado de Nero, Tácito escreve que:

[...] por todas estas maravilhas decretaram-se ofertas para todos os templos; o que de propósito quero relatar **para que aqueles que lerem os fatos deste tempo, escritos por mim, ou por outros autores, saibam de uma vez, que em todas as ocasiões que o príncipe ordenou assassínios ou desterros sempre se mandaram dar graças aos deuses: de maneira que aquilo, que antigamente era o sinal de públicas fortunas, só veio a ser depois o símbolo de públicas desgraças**. Contudo nunca deixarei ainda de referir qualquer outro *senatus consulto* que se fizer notável ou por **alguma nova espécie de adulação**, ou por algum exemplo de **excessiva paciência**. (TÁCITO 1952, XIV, 64, grifo nosso).

## 82

A memória que Tácito buscava reavivar é a que julga e condena o passado como indigno de ser imitado, alçando a historiografia ao papel de “tribunal da posteridade”. Nela os fatos não serão escritos apenas para serem memorados, ou apenas registrados como realmente aconteceram, mas para serem julgados. François Hartog propõe que a historiografia romana imperial rapidamente percebeu a diferença entre o passado glorioso romano e o presente vivido, incorporando, assim, paulatinamente a temática da decadência. Diante desse dilema imposto pela incerteza do presente poder reproduzir as ações passadas, instaura-se uma crise baseada na experiência de uma ruptura entre o passado e o presente e, conseqüentemente, “[...] o modelo da *historia magistra* entra também em crise: deve-se imitar, mas não se pode mais” (HARTOG 2001, p. 220). Tácito resolve essa experiência de reconfiguração do tempo histórico invertendo a proposição da história mestra da vida relacionada à imitação, tendo em vista que as ações explanadas não são mais dignas de repetição. É importante ressaltar que essa ruptura, em outras palavras, o distanciamento entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, era certamente de natureza e profundidade distinta daquela caracterizada por Koselleck para os tempos modernos (KOSELLECK 2006, *passim*). Com isso, houve apenas uma sensação de distanciamento do passado que não produziu soluções modernas – como a recusa da tradição enquanto autoridade –, mas exigiu uma reformulação do modo de se entender a história e, conseqüentemente, a historiografia.

O modelo explicativo do passado romano como decadência começa a

delinear-se a partir da **História de Roma** de Tito Lívio. Em seu célebre Prefácio, escrito no início do Império, ainda no governo de Augusto, declara que a degeneração dos costumes encontra-se em momento crítico, sendo que “não podemos mais suportar nem nossos vícios, nem seus remédios” (TITO LIVIO 2001, p. 207). Porém, não há uma formulação clara da memória como reforço negativo, pelo contrário, o autor almeja esquivar-se do “espetáculo dos males” (TITO LIVIO 2001, p. 205). Lívio vê no Império características positivas que superam as negativas, pois “jamais nenhum estado foi maior, mais venerável, mais rico em bons exemplos, nem houve nunca cidade na qual a cobiça e o luxo se tenham introduzido tão tarde, nem onde a honra dada à pobreza e à parcimônia fosse tão grande” (TITO LIVIO 2001, p. 207). Por ter vivenciado as guerras suscitadas no regime republicano, concebia a sociedade romana dependente de uma liderança que a conduzisse. Sem essa liderança, caminhar-se-ia para a desagregação, tanto em razão dos vícios romanos, quanto em função das ameaças externas. A sombra da decadência só poderia ser superada com um novo regime político – o Principado. A história liviana remonta a tempos míticos tentando suprir a necessidade de tornar presente a magnitude romana e evidenciar como o momento presente era diverso de todos os demais.

Tácito não compartilhava mais dessa apreensão do passado romano, que foi posta abaixo pela própria experiência do tempo. Apesar de Tácito e Lívio terem propostas historiográficas diferentes, buscavam o mesmo resultado: a superação da decadência dos costumes. A escolha do Principado Júlio-Cláudio como ponto central de sua história é de extrema relevância, se pensamos a partir do prefácio dos **Anais** em que acusa não haver sob aqueles príncipes liberdade de expressão para que uma história verdadeira fosse escrita, só existindo então o medo e a adulação. Na seqüência, Tácito afirma poder escrever uma história sem ódio nem rancor - *sine ira et studio* -, pois o período em que vive propicia as condições para tanto. Com essa simples distinção temporal, enfatizava que houve um tempo de decadência que deve ser mostrado, mas que Roma pode alcançar algum tipo de restauração. Propomos que os **Anais** são a tentativa de evidenciar a regeneração moral e política romana.

No **Diálogo dos Oradores**, Tácito adianta o que será sua proposta historiográfica. Iniciando sua exposição com o suposto consenso que existiria sobre a inferioridade da eloqüência no governo de Vespasiano em relação ao período republicano, o personagem-orador Apro argumenta que essa afirmação seria inválida, tendo em vista que os antigos de que tratam seriam quase contemporâneos, existindo menos de cem anos de distância entre eles. A sensação de decadência, assim, seria um problema de cronologia e, mais que isso, um problema de incompreensão de época:

[...] não estou querendo saber qual o mais eloqüente; contento-me com o ter provado que não é um só o rosto da eloqüência, que naqueles mesmos a que chamais antigos se surpreendem vários aspectos, que não é alguma coisa inferior

a outra apenas por ser diferente e que é por um vício da maldade humana que sempre se louva o velho e que do presente se desdenha (TÁCITO 1974a, 18).

Apro surpreende ao declarar que a exaltação e delimitação de um passado pouco distante não permitiria a seus companheiros enxergarem as qualidades do tempo presente. A problemática da decadência da eloquência é explicada de outra forma pelo personagem, também orador, Messala. Para ele a decadência existe e foi gerada pelo “descaso da juventude, pela negligência dos pais, por ignorância dos mestres e por esquecimento dos costumes antigos” (TÁCITO 1974a, 28).<sup>13</sup> O diagnóstico é o de uma sociedade menos preocupada com seus costumes, que envolviam tanto a educação quanto a tradição. Na República as crianças eram educadas pela mulher mais virtuosa da casa: “Agora, porém, a criança, quando nasce, é entregue a qualquer criadinha grega, à qual se juntam um ou dois dos escravos, quaisquer deles, na maior parte das vezes ordinárrimos e impróprios para serviços sérios” (TÁCITO 1974a, 29). Outra explicação para a questão é apresentada pelo personagem Materno e que, em certa medida, o argumento de Messala também corrobora. Materno alega que eles degeneraram muito mais, quando comparados aos antigos, com relação à liberdade do que quanto à eloquência (TÁCITO 1974a, 27).

84

O problema da falta de liberdade é enfrentado na historiografia taciteana a partir do tema dos *arcana imperii*. Como ressaltado, no Principado a esfera de decisões foi transposta do Fórum, um lugar que era visto como o espaço em que a persuasão era central para conseguir se destacar, para a *Domus*, onde o que importava para se tornar proeminente era a opinião do Imperador. Assim, para se obter algum tipo de promoção social seria preciso adular a um só, no lugar de convencer a muitos, como era a prática durante a República. A presença da *dissimulatio* foi progressivamente ganhando destaque na historiografia romana como parte constitutiva do jogo político.<sup>14</sup> A caracterização do imperador Tibério, nos **Anais**, como um homem enigmático está de acordo com a própria origem e fundação do Principado como um regime político em que tudo mudava de acordo com os interesses do momento.<sup>15</sup> Após um dos discursos de Tibério aos senadores, Tácito declara que:

[...] deste discurso havia mais ostentação do que a verdade: e tal era Tibério, que ainda nas coisas que de propósito não queria ocultar, ou fosse por hábito, ou por caráter, empregava sempre as expressões mais obscuras e equívocas: e por conseqüência agora que **se esforçava por encobrir profundamente seus pensamentos**, muito mais confuso e ininteligível se fazia (TÁCITO 1952, I, 11).

---

<sup>13</sup> O argumento da decadência da oratória gerada pelo descaso dos pais em relação aos filhos também é encontrado em PETRÔNIO. **Satyricon**. Belo Horizonte: Crisálida, 2004, I-V.

<sup>14</sup> O livro de Plutarco intitulado **Como distinguir o bajulador do amigo** pode ser entendido nesse contexto da dissimulação.

<sup>15</sup> Para uma explicação detalhada sobre a relação direta entre o caráter de Tibério e a natureza do

O grande número de rumores relatados por Tácito e mesmo a freqüente menção de “uns dizem isso, outros dizem aquilo” pode ser vista como um dos sintomas dessa falta de transparência da política na sociedade imperial (CLARKE 2002, p. 95). O *topos* do condicionamento entre liberdade política e verdade histórica começa a se delimitar nesse contexto de adulação e concentração de poder na figura do Imperador. Nesse sentido, um bom governante seria de fundamental importância na medida em que ele poderia inibir de forma fatal as virtudes. Se, por um lado, o Imperador proibia os cidadãos de se manifestarem livremente, por outro, a própria sociedade reproduzia indivíduos corrompidos. John Percival argumenta que a liberdade a qual Tácito se remete seria a possibilidade de poder se expressar contra o regime político ou de se expressar sem medo de represálias (PERCIVAL 1980, p. 125). Nessa perspectiva, o próprio Tácito aparece como um modelo de *libertas* já que durante governos tirânicos como o de Domiciano prosperou consideravelmente (PERCIVAL 1980, p. 127-9).

O dilema frontal que se apresentou a Tácito foi a conclusão de que escrever sob maus imperadores é impossível porque não há liberdade, os relatos produzidos à época são frutos da adulação e os imediatamente posteriores são testemunhos dos ódios. Porém, escrever a certa distância - “*sine ira et studio*” - dos fatos narrados também implica em dificuldades porque os testemunhos remanescentes são justamente aqueles descritos como fruto da adulação ou do ódio. O desafio inédito da historiografia taciteana foi alcançar o objetivo de escrever uma história verdadeira a partir de testemunhos falsos.

85

\*\*\*

Buscamos argumentar que a historiografia taciteana estava fundamentada em outro critério de verdade na qual a demonstração dos fatos era mais importante que a confirmação desses e que para um entendimento da complexidade desta historiografia a retórica romana adquire importância central. Pudemos concluir que o paradigma moderno de verdade baseado na prova documental não tinha a mesma importância para a historiografia romana tendo em vista a preponderância da *demonstratio*. O que primeiramente deveria ser observado pelo historiador era a demonstração do passado de forma a servir de exemplo para outras gerações. Os exemplos de Tácito, contudo, em sua maioria não deveriam ser imitados. A corrupção e decadência moral de um tipo de governo – o Principado – baseado na concentração de poder em apenas uma pessoa – o *princeps* – foram configuradas por Tácito em um novo modelo narrativo fundamentado na revelação dos segredos do Império.

---

Principado: Miriam GRIFFIN. Tacitus, Tiberius and the Principate. In MALKIN, I. and RUBINSOHN, Z.W. (eds.). **Leaders and Masses in the Roman world: studies in honor of Zvi Yavetz**, Mnemosyne Supplementum 139, Leiden, 1995.

## Bibliografia

- [Cícero]. **Retórica a Herênio**. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- AMBRÓSIO, Renato. "Cícero e a História". **Revista de História da USP**. Número 147, 2º semestre de 2002.
- ARISTOTLE. **Rhetoric**. Traduction of W. Rhys Roberts. Mineola: Dover Thrift Editions, 2004.
- CÍCERO. **De oratore** (2001a). Books I – II. Translation by E. W. Sutton. Loeb Classical Library. Nº. 348. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- CÍCERO. "Ad Familiares" (2001b). *Apud*: François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- CÍCERO. **El orador**. Tradución E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- CLARKE, Katherine. "In arto et inglorius labor: Tacitus` Anti-history". **British Academy**, 114, 2002.
- FAVERSANI, Fábio. **A sociedade em Sêneca**. Tese de doutorado defendida no programa de História Social da Universidade de São Paulo, 2001.
- GINSBURG, Judith. **Tradition and theme in the Annals of Tacitus**. Salem, N.H.: Ayer, 1981.
- GINZBURG, Carlo. "Ekphrasis e citação". *In*: \_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- 86 GRIFFIN, Miriam. "Tacitus, Tiberius and the Principate". *In*: MALKIN, I. and RUBINSON, Z.W. (eds.). **Leaders and Masses in the Roman world: studies in honor of Zvi Yavetz**, Mnemosyne Supplementum 139, Leiden, 1995.
- HERÓDOTO. "Histórias". *Apud*: François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- JOLY, Fábio. **Tácito e a Metáfora da Escravidão**. São Paulo: Edusp, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. "Historia Magistra Vitae – sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento". *In*: \_\_\_\_\_. **Passado Futuro: contribuição à semântica dos tempos modernos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.
- LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. "A tradição herodoteana e tucídideana". *In* \_\_\_\_\_. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 53-83.
- PARATORE, Ettore. "Tácito". *In* \_\_\_\_\_. **História da Literatura Latina**. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 721-746.
- PERCIVAL, John. "Tacitus and the principate". **Greece and Rome**. 2, 27, 1980.
- PETRÔNIO. **Satyricon**. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
- PLÍNIO O JOVEM. "Cartas". *Apud*: François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- PLUTARCO. **Como distinguir o bajulador do amigo**. São Paulo: Scrinium, 1997.
- SEBASTIANI, Breno Battistini. "A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a.C.". Fábio JOLY (org.). **História**



- e retórica:** ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007.
- TÁCITO. "Diálogo dos Oradores" (1974a). Tradução de Agostinho da Silva. In \_\_\_\_\_. **Obras Menores**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.
- TÁCITO. **Anais**. Tradução de J. L. Freire de Carvalho. Clássicos Jackson. Volume 25. São Paulo: W. M. Jackson, 1952.
- TÁCITO. **Histórias**. Tradução de Berenice Xavier. Vol. 1. Rio de Janeiro: Athena, 1937.
- TÁCITO. "Vida de Agrícola" (1974b). Tradução de Agostinho da Silva. In \_\_\_\_\_. **Obras Menores**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.
- TITO LÍVIO. "Ab Urbe Condita". *Apud*: François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- TUCÍDIDES. "História da Guerra do Peloponeso". *Apud*: François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. "The Imperial Court". In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E. & LINTOTT, A. **The Cambridge Ancient History**. 2<sup>nd</sup> edition. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.